



4 Yasmin Nigri
8 Vitor de Lerbo
10 Henrique Pitt

11 Jadson André
14 Nina Rizzi
15 João Luis Jr.

16 Caito Mainier
18 Marceli Mengarda
19 Christiana Nóvoa

Arnaldo Branco

22 Felipe Pauluk
23 Lisa Alves
24 Dan Fante

Editorial

Para Ambrose Bierce, no *Dicionário do Diabo*, homeopata é o humorista da profissão médica. De acordo com Paul Valéry, em *Pensamentos Maus e Outros*, uma pessoa séria tem poucas ideias. Em seu *Diário*, Jules Renard definiu Mallarmé: intraduzível, mesmo em francês. “Ai do autor, porém, que sempre quer instruir. O segredo de entediar é o de dizer tudo”, Voltaire, em *VI Discurso em Versos Sobre o Homem*. Na percepção de Sade acerca do mundo dos sentidos, tudo é bom quando excessivo. Segundo Musset, em *Namouna*, plantar couves é imitar alguém. Trecho de *Dos Livros*, de Montaigne: “Não peço aos livros a não ser dar-me prazer por honesto divertimento; ou, quando estudo, procuro neles apenas a ciência que trata do conhecimento de mim mesmo, e que me instrua a bem morrer e a bem viver”. Por fim, Proust e *O Caminho de Swann*: “Não há talvez uma pessoa, por maior que seja a sua virtude, que a complexidade das circunstâncias não possa levar um dia a viver na familiaridade do vício que mais formalmente condena”.

Em defesa mensal do humor, nossa profissão de réu.

Uma boa leitura a todos.

Onde

Você pode encontrar o **RelevO** em:

Araraquara: Biblioteca da Unesp / Biblioteca da Chácara Sapucaia / Biblioteca Pública Municipal / Casa da Cultura / Palacete das Rosas

Campo Largo: Biblioteca Pública Municipal / Casa da Cultura / Museu Municipal / Sebo Líder

Contenda: Biblioteca Pública Municipal / Panificadora Gaspar / Prefeitura Municipal

Curitiba: 4beans / Livraria Arte & Letra / Baba Salim / Bar da Produção / Bar Fidel / Bardo Tatára / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Bristol Hotel / Brooklyn Café (Vicente Machado) / Brooklyn Café (Trajano Reis) / Café Avenida / Café do Teatro / Café Express / Café Mafalda / Casa Verde / Colégio Medianeira / Faculdades Santa Cruz / Fingen Café / Fran's Café / Full Jazz / Gazeta do Povo / Joaquim Livraria / Kapelle Bar / Lado B / Livraria do Chaim / O Torto Bar / PUC / Panificadora Provence / Pré-Vestibular Em Ação / Rause Café / Sindijor / Tuboteca / Unibrasil / UP / Universidade Tuiuti / UFPR / UTFPR / Uniandrade / Wake Up Colab

Ponta Grossa: UEPG

Porto Alegre: Palavraria – Livros & Cafés

São Paulo: Patuscada Bar / Casa das Rosas

Sorocaba: Barracão Cultural / Biblioteca Pública Municipal / Secretaria da Cultura de Sorocaba

Quer ser um ponto de distribuição do periódico mais prestigiado pela família brasileira?

Escreva para <jornalrelevo@gmail.com>

“Como faiz?”

Escreva para jornalrelevo@gmail.com e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

E, em tempos hiperconectados:

[instagram.com/jornalrelevo](https://www.instagram.com/jornalrelevo)

[facebook.com/jornal.relevo](https://www.facebook.com/jornal.relevo)

twitter.com/jornalrelevo

jornalrelevo.tumblr.com

Quem mais

Essa edição conta com os quadrinhos do Arnaldo Branco.

Mais do Mundinho Animal, Capitão Presença e grande elenco em:

<[facebook.com/branco.arnaldo](https://www.facebook.com/branco.arnaldo)>

Por que

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa. Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3.500 leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independente e longe dos precatórios. Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

Quem

Editor Daniel Zanella

Editor-assistente Mateus Ribeirete

Ombudsman Silvio Demétrio

Revisão Mateus Senna

Projeto Gráfico Marceli Mengarda

Impressão Gráfica Exceuni

Tiragem 3.500

Edição finalizada em 01/11/16

Quanto

Anunciantes: R\$ 100 Editora Penalux; Bardo Tatára; R\$ 50 Avon; Farmácia Ehlkefarma; Fisk; Livrarias Joaquim; Loterias Avenida; Toda Letra; Torto Bar; Editora Inverso (total: R\$ 600)

Assinantes: R\$ 100 Ivan Justen Santana; Manolo Ramires; Alexandre Guarnieri; R\$ 50 Dan Porto; Gisleine Ritzman; Valquíria Luna; Angelo Sfair; Diego Antonelli; Victor Esteche; Sissa Stecanella; Luiza Brasolim; Mario Czarnik; ASPMA; Rosana Chrispim; Sândrio Cândido; Guilherme Ganem; Marcelo Wilinski; Ana Guadalupe; Eduardo Bueno; Gabriel Volpi (total: R\$ 1.150)

Gráfica: R\$ 1.100

Distribuição: R\$ 250

Assinantes: R\$ 350

Papelaria: R\$ 20

Custos totais: R\$ 1.720

Receita total: R\$ 1.750

Balanco de out. 2016: R\$ 30

Cartas do Leitor

GRACINHAS

Vitor Campos Lino: A seção Oficinas de outubro está insolúvel. Como podem ser tão repulsivos e geniais assim? No mês anterior, teve a seção Líricas, corroborando a face bem-humorada do jornal. Por favor, continuem com as ironias e os sarcasmos e os deboches e com esses versos de comer.

PEDRA TAMBÉM É AMOR

Alexandre Cunha: Gostei da edição de setembro, um editorial muito bom, principalmente pela maravilhosa citação de Diderot. Os quadrinhos estavam ótimos como sempre, muito engraçados e criativos, um humor inteligente, ácido e crítico. Muito divertido o “Poetizações que não dizem absolutamente nada”. Outros pontos positivos foram os textos de Luís Henrique Pellanda, Fernando Koproski, Munique Duarte e o belo “Nunca mais”, além de Bolívar Escobar e o pobre fantasma que, depois de tanto sacrifício para vencer um debate, ainda acabou com fama de gay. No entanto, entre todos os textos, o de Flavio Jacobsen, “Sempre um outro porto”, foi o meu preferido, realmente ótimo. Não me identifiquei com os poemas. Não quero dizer com isso que fossem ruins, apenas “não falaram” comigo. Também

senti falta das traduções. Lamentável, porém, na edição de setembro, o desperdício, por parte do ombudsman Silvio Demétrio, de uma boa ideia que daria um ótimo texto. Ele resolveu aproveitar o espaço no **RelevO** para dar voz, de forma muito astuta e ridícula, às suas convicções políticas. Em agosto, ele já dava sinais do que guardava nas mangas. Em certo trecho de sua coluna, ele escreveu: “O perigo é você engrossar o coro dos conteúdos que agora batem panelas e agridem atrizes pelas esquinas do lado de fora do teatro”. Ele não se aprofundou, mas sabemos que estava se referindo ao episódio envolvendo a atriz global Letícia Sabatella que, sendo notoriamente de esquerda (direito dela!), foi “amorosamente” prestar seu apoio e solidariedade a um grupo de furiosos da direita e não obteve a melhor das acolhidas. Com essa pequena frase ele já estava nos passando como sendo “a verdade” a sua interpretação do fato ocorrido e também fazendo política dentro do **RelevO**. Em setembro, “a coceira falou mais alto” e ele colocou para fora tudo que estava guardado desde a edição anterior. Fiquei realmente surpreso, eu não sabia se estava lendo o **RelevO** ou a coluna do Gregório Duvivier na Folha de São Paulo. Ele tem o direito de acreditar no que desejar, de ser de direita, de esquerda, do centro, de cima ou de baixo, mas o jornal é lugar para afirmações como essa? Pode ser que eu não tenha entendido a proposta do periódico, pode ser que eu não tenha entendido o papel do Ombudsman e pode ser que eu não tenha entendido

o quanto de “liberdade” ele tem para escrever, mas se ele quer fazer panfletagem política, ele que o faça em outro lugar qualquer. Ele tem esse direito, mas não no **RelevO**.

Evander Costa: Gosto do atual ombudsman por seus textos mais ao pé da estética do que da crítica jornalística, mas considero-o menos focado que os anteriores. Mas não deixem de publicar essa coluna. É divertido.

Edson Amaro de Souza: Tenho um livro de poemas que quero divulgar e assim colaborar para que o projeto do **RelevO** continue a existir. Confesso que não me agradou o conteúdo do jornal, mas quero anunciar nele o meu livro de poemas porque todo esforço em prol da literatura brasileira deve ser aplaudido. Veja por exemplo a edição número 9/2016, pág. 4. Não vejo sentido em publicar trechos de livros e dessa maneira. Parecem um membro amputado que, fora do corpo, não têm serventia.

Rejane Machado: Estou lendo com muita calma os dois números do **RelevO** que recebi. Fico encantada pela qualidade das matérias. É, realmente, um jornal literário. Muito boas as matérias do Silvio Demétrio (“Literatura autêntica!”), muito bom o conto do Mateus Senna (“O Buraco”) e ainda os artigos sobre história de Sérgio Faraco, Marc Bloch e Regina Navarro. Sou, apesar de crítica literária, um pouco “desconfiada” com o que chamam de poesia nos nossos dias. Porque, apesar de não me considerar

fechada às novidades, não acho que “tudo” seja poesia, e aquela concepção de Mário de Andrade que o autor é quem “nominaliza” o seu trabalho.... Não aceito de modo algum! O que o autor disser que é conto, é. O que ele julgar crônica, é. NÃO! Não é bem assim. É preciso mais respeito para com a Literatura. E ser contra a rima, contra a métrica, escrever qualquer idiotice e nomear de poesia, de conto ou crônica em nome de um Modernismo que está com quase 100 anos — NÃO, pelo amor de Deus. Bem, quero dizer é que o jornal é uma revelação!

Sissa Stecanella: Tava incrível o **RelevO** Oficinas de outubro! Tava nível “ri muito alto no ônibus”. E eu não sou do tipo que ri muito alto no ônibus com frequência.

TROUBLE

Clemilton Carvalho: Hoje é dia 25 de outubro e nada de chegar em minha casa o **RelevO**. Sei que o jornal é muito bom, porém a distribuição está muito a desejar.

Fernando Fonseca: Até hoje (22/10) não recebi o jornal de outubro. Se já me enviaram, não tem problema, aguardarei. Senão, talvez tenha esquecido, mandem pra mim. Como posso ficar sem o **RelevO**?

Da redação: Meus caros, por obra exclusiva do editor e entregador de jornais Daniel Zanella, o jornal atrasou além de aceitável para uma parcela dos assinantes. Pedimos desculpas sinceras e lutaremos para que isso não aconteça mais.

Apesar de redondo, tem muitas esquinas

Yasmin Nigri

Ignorando desígnios astrais
Esculpo gomo por gomo

De seu tanquinho com a língua
E o batizo: torso arcaico do tinder

Inesperadamente
Ganho do tinder um cintaralho

Como um ritual que abre caminhos
Tinder o prende às minhas coxas

Acaricio a borracha vermelha que pende do baixo ventre
Calor na ponta dos dedos

Digo a ele
Eu quero te engordar
Sem culpa

Digo a ele
Eu quero lamber seu cu
Sem culpa

Desaforada por extinguir fronteiras atingir veios profundos
Rodo o indicador por entre suas pregas até seu globo girar

É vênus retrógrado
Ou o que os românticos chamam de
amor?

A primeira vez que tive de explicar o que era um ombudsman foi numa prova de proficiência em inglês. Foi na ECA em São Paulo, meados da década de 1990. A prova apresentava um texto sobre a legislação sueca referente à função do “ouvidor” em um jornal. Na época isso era uma novidade relativamente recente no jornalismo brasileiro. A *Folha de São Paulo* havia começado há algum tempo com a coluna que mantém até hoje. O primeiro ombudsman foi o jornalista Caio Túlio Costa, que foi o primeiro também a lançar um livro explicando o que era um ouvidor dos leitores de um jornal.

Quando me convidaram para assumir essa função no **RelevO** considerei interessante o desafio, uma vez que essa função é tradicionalmente vinculada ao jornalismo diário, o que se chama popularmente de “*hard News*”. Um ombudsman traça um arco crítico sobre a cobertura que um jornal realiza. Transpor isso para o contexto de um jornal de poesia e literatura requereria algum engenho. Foi aí que encontrei o desafio que me motivou. É que desconheço algum exemplo de ombudsman que tenha trabalhado com um material estético e não noticioso.

O **RelevO** inovou ao implantar os mandatos dos que me antecederam. Em conversas com o editor do jornal, Daniel Zanella me explicou que cada um seguiu uma linha própria, independente, dando-me total liberdade para desenvolver meu trabalho. Parti, então, dos seguintes referenciais como modelo crítico: o ensaio *Forma É Poder*, que Paulo Leminski publicou no saudoso Folhetim publicado pela *Folha de São Paulo* em 1982, a concepção do que é uma teoria crítica segundo Max Horkheimer e de uma noção que é cara à linha da Semiótica da Cultura, a intertextualidade, muitas vezes atribuída à Bakhtin, mas que na verdade é desenvolvida de fato por Julia Kristeva.

De Leminski extraio as seguintes afirmações: “Uma prática do texto criativo, coletivamente engajada, tem a função de desautomatizar. De produzir estranhamento. Distanciamento. É desmistificação da “objetividade” inscrita no discurso naturalista. Essa objetividade é falsa. Ela apenas reflete a visão do mundo de dada classe social, de determinada civilização. Sua pretensão a “discurso absoluto” é totalitária”. Essa era sua concepção de uma linguagem crítica dentro do jornalismo cultural. Não há, portanto, segundo esse parâmetro, como ser “objetivo” no jornalismo cultural, a menos que não se queira ser acrítico (coisa que se vê em larga escala nesse modelo de jornalismo cultural como “prestação de serviço”, agenda, que vigora nas mazelas do mercado).

Ainda do poeta paranaense sigo o raciocínio do aforismo seguinte de seu ensaio: “Violação. Ruptura. Contravenção. INFRATURA. A poesia diz “eu acuso”. E denuncia a estrutura. A estrutura do Poder, emblematizada na “normalidade” da linguagem”. Poesia, portanto, é caso de exceção. Aquilo que foge às normas. Uma linguagem fluxo. Descodificação. Desterritorialização. Esse “eu acuso” de Leminski brilhantemente embutindo no enunciado a referência ao famoso Caso Dreyfus que marcou a história do jornalismo europeu a partir da leitura que Emile Zola fez dele.

Como a poesia realiza essa tarefa, então? Na minha concepção, exatamente pela dinâmica da intertextualidade, o terceiro parâmetro de nosso modelo crítico aqui para o **RelevO**. Intertextualidade é conversa entre textos culturais. Nada que se escreve e publica é independente. Nada nesse sentido nasce de uma tábula rasa. Um grau zero da escrita, como diria Barthes. Existe toda uma rede de enunciados sobre o mesmo tema e de outros referentes afins que precede o

corte que será feito pelo enunciado que antecipa e reage com este último. Aquilo que se pode chamar seguramente de historicidade.

É daí que entra a concepção de Horkheimer do que vem a ser uma teoria crítica. Em seu célebre texto *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, o filósofo alemão explica, entre outras coisas, que o que caracteriza uma teorização crítica é a possibilidade de se infletir uma perspectiva histórica sobre o objeto da crítica. Fazer crítica é, sobretudo, percorrer os agenciamentos do objeto em suas relações dadas pela perspectiva histórica. Aquilo que se percebe do objeto tal como ele se apresenta no quadro histórico no qual ele emerge e as linhas de derivação pelas quais esse objeto se desloca no devir do tempo.

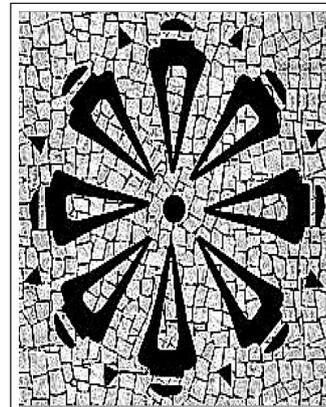
Meu objeto é o **RelevO** como um todo. Não me sinto autorizado para realizar alguma crítica sobre a poética dos textos aqui publicados. Não poderia analisá-los como se notícia o fossem. Afinal, um ombudsman não faz crítica literária, senão uma espécie de media criticism. Como tal, penso que minha função é colocar o que se constitui como publicação em relação à historicidade. Jamais eleger minhas convicções políticas como verdades, uma vez que não acredito ter convicção nenhuma sobre nada. Convicção só tem quem já parou de pensar.

Quero agradecer aqui, no corpo do texto mesmo, pelas observações do leitor Alexandre Cunha, especialmente a comparação com Gregório Duvivier. É isto que nos enche não de convicções, mas de um afeto que nos indica que estamos no caminho certo. Agora com relação ao fato de algum comentário sobrepor-se ao campo político, vamos pensar assim: desde que o oxigênio é uma necessidade comum a todo ser humano e não humano também, o próprio ato de respirar é um ato político. Só não existe política onde não existe mais vida. Xô, uruca!



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



ADVOCACIA

Bruno César Deschamps Meirinho (OAB/PR 48.641)

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA -
CONTRATOS - TRABALHISTA

Rua da Glória, 72, Sala 510,
Alto da Glória, Curitiba
(41) 8440-5050 [OI] / (41) 9839-4529 [TIM]

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO
ARAUCÁRIA-PR



Farmácia Ehrkeforma

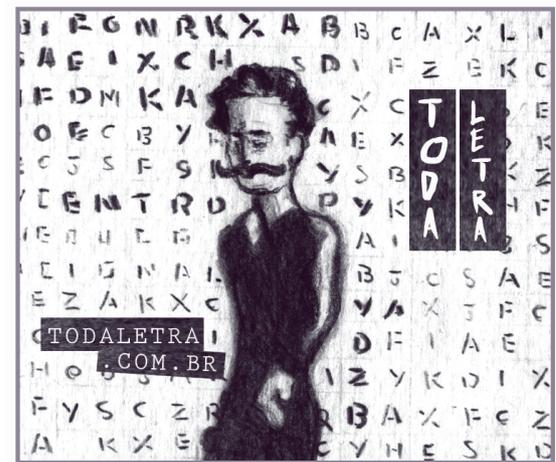
FISK

CENTRO DE ENSINO

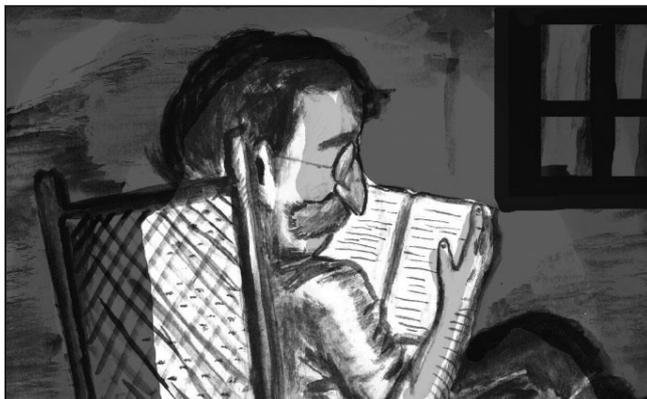
3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).

Editora
Penalux
Porque livros iluminam

Conheça nosso trabalho, acessando
www.editorapenalux.com.br e
facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br



PATUÁ
 EDITORA
 LIVROS SÃO AMULETOS
www.editorapatua.com.br



espaço **Casa**
casaartesvisuais.art.br

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO
 E-PARANÁAM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532
 ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



Seja o diretor do teatro da sua vida.

O SENHOR da
minha história
 de Carlyle Popp

www.editorainverso.com.br



LIVROS | VINIS
JOAQUIM LIVRARIA & SEBO
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 | CENTRO | CURITIBA, PR

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

BULLSEYE

Vitor de Lerbo

O telefone nunca toca e nossos telefonemas são tão bem-vindos quanto carros de som em um funeral. Nossa vida não é simplesmente apresentar as melhores opções aos clientes — mesmo que a melhor opção seja um apartamento de cinco dormitórios quando ele deseja comprar uma quitinete. Na Babel S. A., a corretora de imóveis em que trabalho, o jogo é bem mais pesado.

Com 39 anos de experiência nesse ramo, é raro encontrar algo que me surpreenda profissionalmente. Modéstia à parte, já realizei feitos tão milagrosos que, provavelmente, serei canonizado quando partir deste plano. Em meu currículo, constam casos como o da venda de uma casa mesmo após a potencial compradora ser surpreendida por um gambá no quintal — o que, obviamente, se deve ao fato de trabalharmos apenas com clientes defensores de animais silvestres.

Capaz de convencer um apóstolo à blasfêmia, convenci nosso limitado gerente, o Adalberto, a realizar a compra que mudaria nossa história: um jogo de dardos. Um dardo consiste em uma arma de arremesso, com ponta de cobre, bronze, ferro ou pedra talhada, semelhante a uma lança. Li no Wikipedia.

A mutação no ambiente de trabalho foi translúcida como um mar sem esgoto. Onde antes havia apenas funcionários desmotivados, passou a existir funcionários desmotivados que tinham cinco minutos diários de diversão.

O peso do dardo, a resistência

do ar, o tempo cuidadosamente calculado entre a inspiração e a expiração no momento do arremesso; poucos sabem, mas até o comprimento das unhas é crucial para um bom lançamento.

Os dardos passaram a ser os fiéis companheiros de três corretores já desiludidos na vida: eu, o Tobias e o Jarbas — a Velha Guarda. Todas as nossas decisões eram fundamentadas no jogo, como o restaurante do almoço, o local do próximo churrasco e até quem pagaria a faculdade de nossos netos — fardo que, por um cisco no olho, caiu sobre mim.

Com o tempo, essas apostas banais foram perdendo a graça. Tentamos esquentar um pouco as coisas com micos a serem pagos. Para a minha sorte, a internet é algo tão bizarro que um senhor acima do peso dançando Hula com frutas toscamente amarradas à cabeça não rendem mais do que duzentas mil visualizações.

Ficamos viciados. Nossas vidas tinham uma direção em forma de parábola. Nós tínhamos um alvo a atingir. Os dardos tornaram-se nosso ópio. E como todo governante ruim, o Adalberto proibiu o ópio do povo.

Ao chegarmos para trabalhar em uma segunda-feira comum, nos deparamos com uma parede vazia onde antes havia um alvo. Segundo o Adalberto, os dardos estavam atrapalhando nosso desempenho. Foram sumariamente extintos. Mas a Velha Guarda não segue as regras estabelecidas por um gerente pedante. As represálias estavam a caminho.

No dia seguinte, compramos um novo jogo de dardos e o instalamos na copa; o Adalberto sempre almoçava fora, não bebia café e trazia a própria água em uma garrafinha térmica. Era o esconderijo perfeito. O primeiro e único jogo realizado na copa foi diferente: dessa vez, não seria o perdedor que teria contas a pagar; o vencedor teria a honra de planejar e executar a vingança contra o nosso nêmesis.

Em um jogo tenso, com a pontuação estranhamente baixa, pela primeira vez venci meus poderosos adversários. Fiquei tocado com a sincera alegria do Tobias e do Jarbas, amigos verdadeiros.

Meu plano de vingança já estava desenhado e foi executado naquela mesma noite. Com o escritório deserto, coloquei minha fiel chave Phillips em ação e tirei alguns parafusos da velha cadeira do Adalberto. O tombo em frente à equipe o ensinaria a ser mais humilde.

No dia seguinte, a Velha Guarda toda fez questão de chegar bem cedo — não poderíamos perder aquele espetáculo. O Adalberto, como sempre, chegou dez minutos atrasado.

O resultado foi instantâneo. Assim que ele sentou e se apoiou no encosto da cadeira, ela desmontou. A parte traseira da cadeira caiu e o seu pesado corpo foi jogado para trás. O baque surdo da queda assustou todos os funcionários, menos a Velha Guarda.

Sorrimos entre nós enquanto esperávamos o Adalberto se levantar

enrubescido. Nada aconteceu por alguns segundos, até que a Miriam, a secretária, foi checar a situação de nosso gerente por trás da sua mesa de madeira, o que nos impossibilitava de ver suas pernas para o ar.

Ela deu um grito agudo e por pouco não caiu também. Me aproximei para entender o desespero da secretária. Adalberto estava com os olhos abertos, vidrados, olhando para o nada. Sob a sua cabeça, uma poça de sangue havia se formado. Na cômoda atrás de sua mesa, o líquido vermelho escorria pela quina, no local em que ele bateu a nuca. Uma confusão generalizada se sucedeu.

Os detalhes do inquérito policial nunca chegaram a nós. Tudo o que eu sei é que foi constatado que a velha cadeira, talvez mais antiga que a corretora, cedeu ao enorme peso de nosso antigo gerente. Um acidente, como tantos outros. Aparentemente, ter profissionais preguiçosos não é um luxo apenas do setor imobiliário.

Após o período de luto, fui merecidamente nomeado o novo gerente da Babel S. A., reconhecimento de tantos anos de dedicação e feitos incríveis pela empresa. Minha primeira ação como gerente foi transferir o jogo de dardos de seu esconderijo na copa para a parede principal do escritório, lugar do qual ele nunca deveria ter saído. Minha segunda ação foi jogar dardos com a Velha Guarda. A terceira foi criar um mural com recados de estima ao nosso falecido gerente.

STAND-UP TRAGEDY



parte III – no meio do caminho havia uma peça

Henrique Pitt

a peça

Personagens:

Sabiá, o que sabia assobiá;

Silva, só mais um silva;

Salva-vidas, o do silva;

Vento, o ar em movimento;

Palmeiras;

cena ininterrupta ao ato contínuo:

Abrem-se as cortinas da noite e o dia surge luminoso em amarelo-azulado. Os sons e o cheiro característicos logo remetem a plateia a qualquer lugar. Da própria plateia levanta e em direção ao palco caminha o Silva, vestido comumente como se estivesse nu, com passos extasiadamente bêbados pela sensação de nunca ter visto aquela paisagem tão comum a ela mesma. Vagarosamente, porém, um som se destaca e todos os outros são desligados pelos técnicos-sonoplastas dos ouvidos do Silva, enquanto palmeiras-imperiais brotam velozmente sem ruído algum das cadeiras do teatro.

Silva: Mas que lindo assôbio!

Sabiá: (assovios, prazerosos, alegres assovios; incontroláveis, desesperadamente altos e, de fato, lindos assovios.)

Silva [olhando, enlouquecido por tamanha beleza sonora, para todos os lados, para cima, com as mãos na cabeça]: (gargalhadas) que lindo assôbio! (gargalhadas) que lindo assôbio!

O assovio do Sabiá aumenta

progressivamente em volume e intensidade, e é acompanhado das gargalhadas do Silva, até o momento exato em que todos percebem que é o momento exato, e nesse momento o vulto invisível do Salva-vidas passa correndo, em sentido contrário ao Vento, atrás do palco, levando à boca um apito.

Salva-vidas: (três silvos curtos e altos!!!)

Todos os sons antes ouvidos cessam imediatamente, exatamente ao mesmo tempo, em perfeita harmonia sonoplástica entre tudo e todos que possam emitir algum som, deixando o Silva no meio do limbo silencioso infinito.

Silva [desfazendo a cara de gargalha e adquirindo sinais faciais medonhos, olhando em direção ao Vento]: Assôbio?
Vento [já há muito de costas, sem se virar]: (assovio tenebroso e contundente...)

As luzes do palco de desfazem e as cortinas obscuras começam a se fechar. Os passos do Silva se refazem desfazendo-se, voltando, exatamente bêbados como o trouxeram ao palco, involuntariamente e a despeito de sua vontade.

Silva [enquanto é levado pelos próprios passos]: (gritos e choros) Assôbio?! Assôbio?! [até ser devolvido ao seu lugar original]

Palmeiras: (palmas, salva de palmas... palmas, palmas, palmas...)

FIM

Cruzeiro até o fim da terra

Jadson André

Eu pilotava uma scooter alugada na Rua Eilat, a poucas quadras da Telavivian Gallery, e olhava as vitrines das lojas, a maioria fechadas. Não usava capacete e sentia o vento seco no rosto. A alameda estava livre, sem tráfego. Parecia ser domingo de manhã. A última vez que havia olhado para o calendário, ainda era quinta-feira. Sem transeuntes ou vendedores, a rua parecia um deserto. Talvez fosse porque estávamos no deserto. Aquela aglomeração de concreto e vidro, com algumas árvores esparsas e uns poucos carros estacionados eram apenas maquiagem. O clima árido e solitário me atacava, mas a ideia de que logo chegaria às praias de Jaffa me trazia alívio.

Pilotei por mais alguns metros e, quando cheguei aos quarteirões mais próximos do mar, tive a impressão de que aquela não era a Rua Eilat, aquela não era Tel Aviv. Era a Rua Mena Barreto (ou a Paulino Fernandes, ou a Nelson Mandela, não lembro muito bem), em pleno bairro Botafogo, sendo bombardeada pelo sol de mais de quarenta graus da capital carioca. Quando cheguei à esquina, entrei na Rua Voluntários da Pátria. Pilotei rumo ao mar. As lojas também estavam todas fechadas, com vitrines exibindo seus manequins nus. Segui até o fim. Achei que estava enganado e que, quando a rua acabasse, eu chegaria às areias de Jaffa. Parecia só uma pequena falha de perspectiva.

Mas, quando enfim enxerguei o mar e me aproximei da areia, era o Pão de Açúcar que estava no meio da baía, pairando sob as águas do Atlântico. Não era o horizonte sem fim da

costa do Mediterrâneo. Abandonei a scooter perto de uma árvore e corri até a areia, deixando os sapatos para trás. Cai no mar e nadei por alguns metros, sentindo a água salgada arder. No terceiro mergulho, abri os olhos enquanto estava submerso e eles queimaram, mesmo assim, pude enxergar as luzes no fundo. Mergulhadores trabalhavam no centro da baía, vários deles nadavam em volta de equipamentos conectados por cabos a um grande barco na superfície. Voltei, respirei fundo e submergi em direção a eles, mas não consegui nadar muito e logo perdi o fôlego. Voltei para sugar mais ar e mergulhei de novo, desta vez determinado em ir um pouco mais fundo. Entretanto, os mergulhadores haviam desaparecido. Imagino que haviam terminado o trabalho naquele ponto e migraram para outro, um pouco mais adiante. A profundidade e a escuridão impediam meus olhos de alcançá-los. Nadei de volta para a areia.

Enquanto me secava, percebi que o cenário estava confuso de novo. O Pão de Açúcar, o teleférico, a Avenida das Nações Unidas haviam se transfigurado. Ao fim da areia estava a Casa do Mar, ladeada pelo Jardim de HaMidron e o Museu de Jaffa, a uns poucos quilômetros da fronteira de Gaza. Minha scooter permanecia parada ao lado de uma árvore. Montei novamente e pilotei pela Avenida Yerushalayim, que exibia suas palmeiras verdejantes e, dando a volta pelo belo Parque Midron Yaffo, segui por mais algum tempo até chegar ao Porto de Jaffa, de onde partia um pequeno barco que me levaria de

volta ao navio em alto mar. Parei a motocicleta a poucos metros do cais e depois de entregar as chaves a um rapaz de uniforme azul, caminhei em direção ao barco. Um dos membros da tripulação me parou e entregou um cartão, seguido de uma toalha. Depois que sequei o rosto, ele me ofereceu água. Caminhei pelo pequeno convés até a popa, de onde observava o mar e o sol que descia até ser engolido pelas águas do Mediterrâneo.

Ao chegar ao navio e subir até a torre, um garçom se aproximou com um copo cheio e me disse: “aproveite a vista, Capitão. O senhor a tem como poucos”. Depois de fazer outra reverência, olhou com seus olhos fugidios e completou: “Mas, lembre-se, esse lugar não é para sempre”. Educadamente, fez a terceira reverência e me deixou sozinho. Após tomar a bebida, olhei com tristeza para mais uma noite que estava prestes a chegar. Somente ao fim do crepúsculo é que os demais viajantes começaram a aparecer. Eu voltaria a conduzir o navio em poucos minutos. Depois de tantas voltas ao mundo, os lugares perdem a singularidade. Sinto falta de casa. Uma circunavegação completa a cada vinte e oito dias. Voltas e mais voltas, como a lua. O sol e o sal ardem na praia em um dia quente. A viagem é sempre até o fim da noite. Somente os arquétipos resistem, os nomes próprios se vão e o barco segue cortando indiscriminadamente as águas de qualquer oceano que se oponha. O cruzeiro até o fim da Terra não existe, é um círculo vicioso.

Dominó do conto metalinguístico

O Dominó do Conto

Metalinguístico, lançamento da Piripitcha Entertainment para o verão de nossa alma, chega para resolver a vida do contista com dificuldades para escrever mais do que apanhados de sensações enfadonhas, paisagens monótonas e sexo de madrugada do Multishow. Para ser jogado em dupla na praça (entre pombos cagarentos e bêbados taciturnos, pois cena mundana-lírica), cada jogador escolhe sete peças entre as 32. Começa quem tiver a pedra temporal mais óbvia. Passa a vez aquele que conseguir não fazer digressões da infância. Compra peça no morto o jogador que usar menos adjetivos. Vence quem desenvolver o arco narrativo com moral mais leviana. A pedra com metáforas em inglês é um erro da primeira versão do projeto, pois este é um jogo para ser jogado por toda a família, não apenas por escritores de classe média que passam as férias na Holanda e escrevem relatos pouco confiáveis sobre bolo de maconha e Van Gogh. Likes de amigos e lembranças de textos para peguetes valem como peças-bônus de acordo com o nível de chantagem literária desejado.

Sua vida não
mais sentido
bloquinho
e escreveu:

"Acordou."

"Acordou

em meio aos papéis
amassados, olhou
pela janela e viu que
já era dia — o sol
brotava alaranjado
por entre as árvores
do jardim — passara
a noite tentando

escrever."

"Escrever,

para ele, era como
cigarros. Um

vício."

"Vício

o fazia
lo. Pegou o
de anotações
hoje serei

feliz."

"Depois

"Depois

de vinte dias, consegui ir
ao banheiro. Sentia-se como
na cena das flores de Beleza
Americana. Só dizia um nome:

de tudo pelo que
passara, sentia
demais, precisava
tirar aquilo de si, em
tinta, mas não tinha
canetas, 'Maldita

gente!"

"Gente

fria, pra mim,
é gente morta.
ventava. gente

minúscula."

era o que sentia pelo
cheiro de café passado,
necessidade era o que
sentia pela

escrita."

RelevO Games

Kételen."

"Kételen

nascera de forma
inusitada, em meio a um
sarau de poesias. Sua
mãe a pariu com 3 meses
de antecedência, tudo
para que a performance
fosse bem-sucedida. Por
isso, Kételen gostava de

prosa."

Pequena canção de inocência

Nina Rizzi

é preciso agradecer sempre — todas as manhãs
o humor | o sabor amargo do bolo, das rosas

é preciso não esquecer nunca — todas as manhãs
o amor | ainda sob um céu de bouganvilles

[sempre e nunca é muito tempo & ainda]
o rumor | tudo é ruína

ANTES DO GOOGLE HAVIA O

Millôr



Sobre o terror primitivo do falo conceitual voador

João Luis Jr.

Ainda que poucas pessoas costumem notar, de todos os xingamentos e praguejares existentes na língua portuguesa — uma língua rica em possibilidades de ofensas, que vão desde menções à genitais peludos como forma de extravasar raiva até informações sobre as opções vocacionais da mãe do outro como meio de ofensa — um dos mais graves, aterrorizantes e sinistros é o interiorano, comum e primariamente inocente “caralho de asa”.

Primeiro porque, ao contrário dos xingamentos e praguejares normais do nosso idioma, o caralho de asa é um dos poucos casos em que não estamos descrevendo uma situação negativa, gritando o nome de genitais, ofendendo um outro, mas sim conjurando uma entidade abstrata. Uma vagina muito peluda é algo que existe, um filho de uma garota de programa é algo real, o sêmen é uma secreção normal do corpo humano, independente de como você o chame. Mas a ideia de um falo alado é totalmente ímpar na nossa linguagem, algo que não existe em nenhum reino além daquele do xingamento, é uma criatura hipotética nascida da nossa fúria, é o meio do caminho entre o “putaquepariu” e a loira do banheiro, ao mesmo tempo um jorro de fúria e a invocação de uma criatura de um pavor que só pode ser descrito como primitivo.

Isso porque o simples conceito do caralho de asa é tecido usando as mesmas fibras que constroem os

mais terríveis pesadelos e os mais abjetos terrores. A ideia de um pênis que não apenas existe deslocado de um corpo humano como adquiriu capacidades próprias de locomoção, especificamente habilidades aéreas, é um conceito que, ainda que possa parecer no máximo inusitado numa primeira análise, é não apenas visualmente uma ideia das mais aterrorizantes, como gera implicações que, se analisadas, nos levam a um abismo de terror mais profundo do que aquele de onde saíram outros arquétipos do medo como vampiros, lobisomens, fantasmas.

Primeiro pelas implicações práticas. Um mundo onde um pênis pode sair voando por aí, tomando decisões por conta própria, se esgueirando pelas ruas, se escondendo nas sombras de florestas, é um mundo onde qualquer projeto de alegria e felicidade foi extinto, é um inferno terreno que nem a mais sinistra ficção ousou descrever. Você tá numa fila de banco, você toma uma pintada na orelha. Você tá vendo o pôr-do-sol com a sua namorada, se forma uma sombra, tem um cacete se projetando na direção de vocês. No banho, agacha pra pegar uma toalha, sua vida muda pra sempre. Famílias precisam colocar telas anti-pênis em suas janelas. O conceito de camping está extinto pra sempre.

E temos também, é claro, as implicações simbólicas. O terror do caralho de asa representa o terror do nosso próprio corpo e da nossa

falta de controle sobre ele, o terror da nossa própria sexualidade, o medo do homem da perda de sua masculinidade, o medo da mulher dos abusos que essa masculinidade com frequência representa. Simbolicamente, o caralho de asa representa o medo de um corpo fora de controle, de uma sexualidade que dominasse a racionalidade, de um id masculino não mais contido pelas regras da sociedade, atuando em sua força máxima como entidade do caos.

Isso torna o caralho de asa, mais do que uma expressão, mais do que uma imagem mental, um personagem do medo cotidiano que bebe na fonte de todos os grandes ícones do terror, todos representantes de alguma faceta primitiva da mente humana, de algum receio que nosso verniz de evolução e civilização pode ter conseguido transformar, mas nunca poderá superar.

Por tudo isso, o caralho de asa é o mais perturbador de todos os xingamentos. Porque um momento em que você está furioso a ponto de conjurar o terror primordial de um pênis que consegue se mover sozinho e acima do solo, mesmo sendo mais pesado que o ar, é o momento em que a zona entre a realidade e o pesadelo se tornou mais estreita, é o momento em que o sol da racionalidade deu lugar à noite sem fim do medo.

O caralho de asa não é um xingamento. Ele é o horror lovecraftiano disfarçado de tapada na porta.

Baralhinho do momento

Caito Mainier



O Baralhinho do Momento é um conjunto de cartas para determinados momentos.

– O que tem nas cartas do Baralhinho do Momento?

As cartas do Baralhinho do Momento têm mensagens diretas de aplicação instantânea, que podem ser usadas em qualquer situação e ambiente, alterando sensivelmente o humor dos envolvidos.

– Por que esse nome ridículo de Baralhinho do Momento?

Esse nome ridículo de Baralhinho do Momento serve exatamente para dificultar a massificação consumista do bacanismo idiota que prefere nomes em inglês, sérios, desafiadores e sofisticados.

E lembrando sempre que se quiser fazer, faz, se não quiser, não faz. Não gostou, não imprime, não faz nada. Fica peixe.

Mas voltando, o Baralhinho do Momento é um conjunto de cartas

que podem ser impressas diretamente desta página numa folha de papel preferencialmente grosso. Podem ser plastificadas, mas não é ordem. Nada é ordem, aliás. Não se assusta não.

As cartas do Baralhinho do Momento são compostas de limites, números e mensagens, todas de igual valor, que podem ser lançadas a qualquer momento no tabuleiro.

– Tem tabuleiro?

Passa a ter. O tabuleiro tem montagem automática e é estabelecido pela capacidade visual de qualquer um em conseguir ver a carta.

Se a carta lançada repousar estabilizada por mais de 10 segundos e permitir a inexorável reflexão instantânea de sua mensagem, fica valendo a carta, que é o bonito do jogo.

É isso aí, meu amigo. Pode ficar bolado. Essa é a regra mais bonita do jogo: vale a carta.

Vale a carta!

Bolou?

Carta FODA-SE

Mensagem: FODA-SE

Número: 1

Comentário: Essa carta é a carta mais forte do Baralhinho do Momento. Tem que jogar consciente. Leva o número 1, porque deu origem a todo o resto nesse mundo. E foi a primeira carta que foi feita também. Muitas vezes é a única coisa que resta pra ser dito. Muitas vezes é bem menos do que faltava pra estancar uma porradaria generalizada. Porque vale a carta e isso é que é o importante.

Exemplo ilustrativo de uso:

Bacanista filho de importante encosta em você numa festa de lançamento de alguma palhaçada, que você só foi porque não tinha o que fazer e de

certa forma sempre se arrepende no dia seguinte de ter ido. Mas você foi e tá na sua.

O bacanista sente o seu momento melhor que o dele e vem sanguessugar você. Depois de um olá mínimo de ambos, porque vocês já se conhecem de algum outro lugar, ele mete, sem você ter perguntado absolutamente nada:

– Passei num pitching pro canal Gê êNi Túla para fazer 15 programas de televisão onde vou transformar personagens reais em fragmentos glamourizados de sucesso. Venci 573 concorrentes e sou a mais nova promessa da promessa carioca.

Aí não tem erro, né amigo.

Você, sem se alterar, tira a carta Foda-se do bolso e mostra pro Bacanista calmamente, sem dizer nenhuma palavra, porque não precisa. Vale a carta.

conhecidas e que são opostas, o que é interessante. A primeira indica sua utilização em momentos de dúvida, apreensão, quando só está faltando o Poodle. Ele vai aparecer? Ele vai conseguir? Ele vai aceitar? Ninguém sabe. O momento é de dúvida. E resta lançar a carta e aguardar.

E a segunda interpretação é para os momentos de plenitude eterna, de preenchimento completo, onde apenas um Poodle pousado no seu colo para você coçar-lhe a cabecinha poderá servir de cereja para esse bolo de satisfação. É um uso mais restrito, eu sei, porque depende dessa tal plenitude, coisa rara pra caralho, mas pode acontecer. Porque uma das maneiras de fazer a água transbordar de um balde, é diminuir a borda do balde. Então você pode baixar suas expectativas em relação a plenitude pra usar a carta com mais frequência. Agora, se você é daqueles que considera que coçar a cabeça cheia de caroços e calombos de um Poodle é uma das coisas mais repugnantes da vida, você usa a carta de forma negativa, uma espécie de “só me faltava essa” poética.

Carta AÍ VOCÊ ME QUEBRA

Mensagem: AÍ VOCÊ ME QUEBRA

Número: 8

Comentário: A Carta AÍ VOCÊ ME QUEBRA é uma carta da categoria aviso importante, prima-irmã distante do telegrama urgente. Aquela carta da mensagem quente: aí, meu nobre, aí você me quebra. É um alerta, um aviso, um sinal. Porque ali, ali não tem problema, ali é contigo. Aqui também, aqui tá tudo certo, cheguei pro lado. Mas aí... aí é foda, aí você me quebra. E quebrar é entrada no joelho, é puxada de tapete, é nuca no chão, é bota de gesso, é faixa na mão. É luvinha de Ana Maria Braga. Podendo evitar, é bom.

Agora, a Carta AÍ VOCÊ ME QUEBRA não é uma carta milagrosa não, que você vai lançar e vai parar o mundo pra você sair da reta da bigorna. Não vai. A bigorna vai descer matando. E matando você. Assimila o golpe e toca a harpa pra subir. A Carta AÍ VOCÊ ME QUEBRA é uma carta de dois tempos, mobilete. Você vai lançar antes, mas a mensagem fica pra depois. É só pra deixar claro de quem foi o vacilo. E o bacilo foi de Koch, porrada nele. A Carta AÍ VOCÊ ME QUEBRA é pra isso, pra deixar marcado na árvore que ali passou um cachorro magro.

Um uso direto da Carta, só num coisa de pai pra filho doido mesmo. Muito raro. – Papai, se eu jogar essa pedra bem aqui na sua perna? – Aí você me quebra, filho. – E se eu jogar bem aqui, no meio do seu braço? – Aí, também, filho. – E aqui, bem no meio da sua testa? – Me dá essa pedra aqui. – Não.

Exemplos ilustrativos de Uso:

Tu chamou aquele cara chato pra caralho da loja de telefonia da galeria do teu escritório pra jogar a tua pelada, que é nervosa, altamente competitiva, 5 times de fora, 20 reais por cabeça e o filhadaputa me aparece de camisa pólo gola arrombada, meio bata, bermuda jeans colada e nos pés, ao invés de uma chuteira, um belo dum

mocassim canoa de couro, daqueles ainda com uma franjinha blibliibli no bico? Cartinha nele! AÍ VOCÊ ME QUEBRA, caralho! Que porra de roupa é essa?! Que mocassim é esse? Beleza, tu bota no teu time pra assumir a merda. Mas na primeira bola, ele mata na gola, bota no solo, come o primeiro, entorta o segundo, adianta a criança e mete um foguete pra dentro do gol que entra bola, goleiro, mocassim, franja e o escambau. 1 a zero, nós.

Você partiu com o seu amigo prum encontro no estilo MC Duplinha, ele pra pegar a princesinha e você pra pegar a irmã da princesinha, que é muito mais gatinha, você vai ver, só que chegou na hora, rã advinha, a irmã dela é o maior dragão de Komodo? Cartinha AÍ VOCÊ ME QUEBRA pro amigo, no estilo Didi, caiu uma revista aqui. E depois parte pra amizade com a Komodo também. Não pode correr, senão quem leva a Carta é você. Apostou no MC Duplinha? Agora atura o parabéns.

E pra fechar violento. Tu discutiu, peitou no bar, gritou, xingou e chamou pro boxe, mas seu mais novo inimigo, com mais sorte do que força, arrumou uma madeira comprida e está prestes a te dar uma bela madeirada no meio do fuça? Fudeu. Se tentar lançar a Carta AÍ VOCÊ ME QUEBRA no escudo, arriscado perder tudo. Claro que existe uma pequena chance do seu inimigo se confundir com a Carta, que porra é essa, e nesse soluço, tu conseguir se fugir correndo. Mas é difícil. E é bem capaz de tu de fugitivo levar uma madeirada nas costas, que, de positivo, pode acabar soltando aquela placa de catarro tosse de cachorro, que você guarda há 20 anos de cigarro nas profundezas do pulmão. Tu vai cuspir no chão tipo um pé-de-moleque. Não assusta não. De qualquer forma, tem que tomar cuidado pra não ficar virando de costas pra inimigo, que inimigo se aproveita é desse tipo de ingenuidade e com uma madeira na mão, pior ainda. Pode tanto vir por cima, carimbando o passaporte pra Dom Lázaro Melaw, ou vir por baixo subindo na impalada da idade média calibre 25, arrebatando tudo no ódio e/ou deixando uma saudade imensa pra quem é mais afoito, opa, afeito a esse tipo de intimidade.

Carta SÓ ESTÁ FALTANDO O POODLE

Mensagem: SÓ ESTÁ FALTANDO O POODLE

Número: 6

Comentário: A carta Só Está Faltando o Poodle pode a princípio parecer um delírio, uma carta de difícil aplicação e sem nenhum sentido, mas não é. Delírio tudo bem, que é uma coisa boa. De difícil aplicação, tudo bem também, pois seu momento é realmente muito raro, onde só está faltando o Poodle. Agora, sem sentido nenhum, não. Pois a mensagem só está faltando o Poodle tem sentido sim e mais de um. Um sentido de alerta, de ausência, de expectativa, de locupletação, porque está faltando o Poodle! E onde estará o Poodle? E que falta o Poodle está fazendo? E por que só o Poodle está faltando? A Carta Só está faltando o Poodle tem duas interpretações mais

Uma loira, uma ruiva e Christopher Hitchens entram num bar

Marceli Mengarda

Se tem uma coisa que não entendo é mulher não saber fazer piada... Há ao menos um ano, este periódico tem se esforçado para estar, mês a mês, quebrando os tabus – além da inserção de imagens, referências e menções ao pênis onde é possível, os leitores deverão lembrar-se da edição de junho de 2015, com belíssima capa da Isabella Lanave (não podemos afirmar que a diretriz para a escolha das capas não gire um pouco em torno de “vai causar problema com pontos de distribuição mais pudicos?”), em que havia apenas textos e imagens produzidos por mulheres. No editorial, a mensagem foi em tom de confessorário: não havia como negar a diferença numérica em toda a tradição do jornal que dava larga vantagem à produção de homens. Mesmo sem saber se a pouca representatividade das mulheres devia-se à simplificação grosseira que há na classificação de “literatura feminina” (se você repete esse termo três vezes defronte ao cinzeiro, aparece sêmen seco na sua roupa e você de repente passa a sofrer por um amor impossível), o **Relevo** comprometeu-se a prestar mais atenção e evitar colocar só a cabecinha das escritoras em suas edições. Desde então, as mulheres têm tido uma presença mais consistente e, não raro, com produções que se destacam quando comparadas com homens que fazem isso há mais tempo e com mais espaço (Camila Von Holdefer, estou olhando para você). Nessa segunda empreitada-de-humor, no entanto, fui surpreendida com um pedido

editorial bem simplório: tem alguma mulher engraçada para indicar para essa edição?

Gostaria de estar fazendo piada quando afirmo que a primeira que me veio à cabeça foi a Dona Máxima, personagem do Fausto Fanti em Sinhá Boça. Primeiro porque, sendo um vídeo, não ajudaria em nada no pedido, o que já não deixa de denotar alguma falha elementar em meus processos de raciocínio lógico (será que é porque sou mulher?); depois, porque não é uma mulher. Pensei: ah, qualquer coisa eu podia escrever um texto engraçado também, e o leitor entenderá por que, logo em seguida, recorri às ferramentas de busca da web. O que se seguiu foi *mezzo* deprimente, *mezzo* desesperador: contra todas as apostas, pasmem, existem muitas mulheres produzindo humor no mundo: Tina Fey, Amy Poehler, Dani Calabresa, Sarah Silverman, a ferramenta de busca da web pode dar mais nomes.

O problema estaria, contudo, na escala não oficial de intensidade do humor (e, aqui, apresento uma classificação consideravelmente individual, na esperança de me livrar de quaisquer críticas nas Cartas do Leitor do mês que vem): no primeiro nível dessa escala, tem a piada que desencadeia apenas uma expressão facial confusa de franzir de sobrancelha, uma espécie de pedido de confirmação ‘é pra ser uma piada? faltou alguma parte? realmente, falando das desventuras de se ter um uno mille, a essa altura do século?’. Logo acima, o que convencionou-se chamar “esboçada” – aquela risada

de canto de boca que deixa ver as covinhas a quem as tem, e que é difícil de segurar durante a novena do terço da misericórdia (ESSA misericórdia ninguém parece ter com a gente mesmo). Mais além, uma risada gostosa, que pode ou não fazer barulho, sabia que tem gente que ri pra dentro e fica um pouco em dívida com esse nível da escala do humor porque ninguém consegue identificar direito se alguém se chacoalhando e aspirando o ar em espasmos nervosos significa que a piada foi boa? O quarto e último nível é aquele em que a risada precisa sair mesmo que você esteja bem naquele momento tomando um gole de refri, o “me guspi todo”, o nível de você-tem-que-assistir-esse-vídeo-do-Lasier no fim da festa, o nível voadora da Dona Máxima. Aí encontra-se o humor, por vezes referencial, por vezes autodepreciativo, que nunca envelhece. E era um exemplar que atingisse esse último nível (do meu senso de humor escrotão, lembrai) que eu gostaria de indicar para essa edição. E foi difícil.

Ainda caí em alcovas da web, nas trocentas matérias citando a Tina Fey que diz não aguentar mais responder as trocentas matérias perguntando o que ela acha de ser mulher e humorista ao mesmo tempzzZZZ – com um trabalho exemplar (oi Tina gostaria de publicar algum dia em nosso jornal independente sem fins lucrativos?), ela foi a primeira *head writer* do Saturday Night Live, um show conhecido por ser meio ‘clube do bolinha’ (John Belushi, estou olhando para você), ainda em 1999. Agora, já de saco cheio (ops expressão

heteronormativa), ela bota o pau na mesa (ops expressão heteronormativa) para dizer que seria muito bom se, para começar, o salário das mulheres fosse equiparado ao de ao menos a expressiva porcentagem de homens sem graça da mesma indústria.

Patinei por alguns minutos no quase canônico texto de Christopher Hitchens de 2007, *Why women aren't funny*, que soa muito como um tio bêbado num encontro de família dizendo que, apesar de ele ser culpado por não conseguir completar o valor do aluguel com o próprio salário, bom mesmo era quando a tia não trabalhava porque aí ela tava sempre com a casa arrumada. Apesar de não conseguir discordar com Hitchens em seus argumentos de que a maioria das mulheres ainda achar que é necessário assumir alguma das personas “eu me odeio tanto!” “puxa como é difícil ovular e menstruar todo mês!” “você acredita que precisa fazer a unha toda semana?” – ele usa *hefty or dikey or jewish*, termos menos legais mas como o cara é um AGENTE DO CAOS da crítica, vamos deixar quieto –, é difícil não discordar na maioria dos argumentos restantes. Ao assumir visões extremamente biologizantes do fenômeno, postula que as mulheres não precisariam ser engraçadas porque quem precisa ser engraçado para poder transar é o homem (carece de fontes). No entanto, o argumento se desenvolve para estabelecer que a mulher para de ver graça nas coisas quando dá à luz, porque a mulher depois que é mãe vira um ser muito responsável e sisudo, enquanto o homem ele não

precisa ser sério nem jamais assumir responsabilidades, a vida para o homem é uma eterna adolescência!!!! Nesse ponto é que uma das bases do humor, que seria justamente a de debochar da autoridade, acaba virando um subterfúgio que só pode ser desenvolvido por homens. Infelizmente, e peço muitas desculpas por isso, a coisa mais engraçada que eu consegui trazer para essa edição foi mais um cara tentando disfarçar “ser babaca” com “ser engraçado”.

Para usar de um pouco de agência do caos aqui também, é biologicamente impossível que alguém com o mesmo sistema nervoso não consiga fazer humor referencial e, por vezes, autodepreciativo. Mulheres, estou olhando para vocês. O espaço está aqui e, por mais que um de nossos bastiões (expressão heteronormativa?) seja o de oferecer um panorama da produção contemporânea feminina, aí incluída mesmo a que não nos fez guspir de tanto dar risada, é inadmissível que não conheçamos essa última – você tá aí escondida? Talvez ninguém nunca tenha visto muita graça, ou ninguém tenha te perguntado isso, ou as piadas dos seus amigos estejam ainda restritas a “daí aquela vez eu tava no motel com aquela mina” (caso em que recomenda-se reconsiderar as amizades). Pode ser que ser engraçada tenha sido desencorajador durante toda a sua vida – pois volte a fazer coisas engraçadas e treine bastante e depois envie esse material ao **RelevO**. Queremos um mashup da edição de julho com a de novembro.

o sangue

Christiana Nóvoa

no mundo
e nas minhas pregas
,
acima e embaixo
:
regras

As cores do céu de Gil Gabriel

da Redação

O pinhaloense Gil Gabriel está há algum tempo nessa vida musical. Morador de Curitiba desde o começo dos anos 1970, aproveitou, nessa época, um violão comprado pela irmã — que nunca aprendeu a tocar — para começar a ter as primeiras aulas. Seus mestres foram as revistinhas de cifras, essas de banca de jornal. “Pensei que podia pegar o instrumento e aprender a tocar assim, de insistência”, relembra. “Eu tive uma certa base musical anterior, já que minha família tinha uma banda de baile do interior chamada Os Cassianos. Mas eu era muito criança. Quando cresci e passei a entender o que era música, eles não tocavam mais”.

Gil Gabriel é um dos músicos mais conhecidos da Segunda Autoral, projeto do Bardo Tatára que reúne músicos locais com trabalhos próprios e nos mais variados gêneros. Ele foi o responsável pela produção do álbum *Curitiba Canta Tatára*, em que diversos cantores frequentadores do espaço cantam composições de João Gilberto Tatára. O material foi lançado em dezembro de 2015 e é a principal porta de entrada do universo de composições do músico e dono de bar. “Eu via nele uma angústia de não ter registrado uma parcela de suas canções mais conhecidas. Fui lá, propus o projeto, arrecadamos dinheiro na raça e o CD saiu”.

A amizade entre eles, aliás, é anterior à Segunda Autoral. Gil conheceu Tatára no seu antigo bar, o Velha Adega, no começo dos anos 1990. “Minha primeira experiência musical, de verdade, foi frequentando esse bar. Até tinha tocado em grupo de igreja, mas

não para públicos indeterminados, não fazendo músicas próprias. Eu tocava também Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Belchior, Zé Ramalho, esse repertório básico da música popular brasileira”, recorda.

Gil tem um álbum gravado, de 1998, chamado *Luz e Cais*. “Era uma outra época, eu tinha o sonho de estourar como músico, de fazer sucesso, fama. Hoje penso diferente. Quero tocar o que gosto, com os meus amigos. Não é fácil viver exclusivamente de música”, argumenta.

Sobre este espírito do tempo, Gil acredita que falta, no contexto atual da música paranaense, um circuito mais estabelecido. A chave é estrutural. “Nós temos que reconhecer que a mídia mais forte está concentrada no Rio de Janeiro e em São Paulo. É difícil distribuir algo para públicos mais amplos quando o alicerce mais pesado está nesse eixo. E não é apenas uma questão de preguiça com o que é feito fora do eixo. Um programa popular, como o Esquenta, da Regina Casé, vai trazer mais músicos locais até por logística, facilidade de produção. E nós, da capital paranaense, fazemos isso também em menor escala, mesmo que inconscientemente, em relação àquilo que é produzido no interior”, define.

“Muita coisa mudou dos anos 1970 para cá. As redes sociais mudaram a dinâmica toda. Hoje não precisa pensar CD, percorrer o caminho de gerações anteriores. Mas ainda temos problemas conhecidos: público consumidor, distribuição, renda fixa. Segue a batalha por espaço e os sonhos continuam os mesmos”, completa.



Divulgação

youtube.com/gilgabriel



A música como negócio: Cristiano Oliveira e Alessandra Godinho

da Redação

Cristiano Oliveira e Alessandra Godinho exercem uma função pouco divulgada nas noites de canções e violão: são representantes comerciais de instrumentos musicais. Há mais de nove anos no ramo, e há dois anos juntos à frente da Duo Representações, eles representam empresas como a Meteoro, PHX, Novità, Cajon Percussion, Odery, Baquetas Alba, entre outras, e estabelecem pontes entre o palco e o músico. “Indicamos artistas que, além da qualidade, possam se conectar à marca. Procuramos uma relação de ganha-ganha, inseri-los no mercado”, define Cristiano.

Ele e a esposa começaram a frequentar o Bardo Tatára em junho de 2015. Entre uma apresentação e outra, enxergaram a possibilidade de fazer da Segunda Autoral um trampolim para uma maior profissionalização dos músicos. “A ideia é fazer parcerias com músicos a partir da Segunda Autoral do Bardo Tatára”, alega Alessandra.

Recentemente, a dupla intermediou uma parceria da Big Time Orchestra com a Meteoro e com a Novità. “Meu trabalho consiste, de certo modo, em indicar perfis de músicos para empresas que buscam determinado agregador à marca, não em dar instrumentos, como muitos acreditam. Como disse, a relação deve ser de ganha-ganha. O músico ganha, a empresa também. Por isso, a necessidade de um perfil, até de um entendimento maior do músico de suas atividades”, define Cristiano.

Alessandra reconhece que, muitas vezes, o músico não entende seu trabalho como semelhante a uma empresa. “O artista tem que pensar também nos aspectos comerciais, práticos, de sua carreira. Isso significa planejar, buscar portas para divulgar o próprio trabalho, conhecer quem é quem no meio musical. Estreitar relações com a Fundação Cultural de Curitiba, com o secretário de Cultura do Paraná, saber, por exemplo, quais cidades promovem eventos de

aniversário e contratam shows”, sugere.

Para Cristiano, a Segunda Autoral é uma excelente porta de entrada para os músicos alçarem voos maiores em suas carreiras. “O projeto é incrível, único no Brasil, e dá oportunidade de se testar no palco, de desenvolver composições e canchas para novos passos. O caminho é entender a música como profissão, como negócio, o que não significa deixar de lado a alma criativa”, afirma.

Um pouco mais enfático, ele acredita que falta também uma certa ambição dos músicos no gerenciamento de carreira. “Em muitos casos, o músico está satisfeito em ter sua confraria de amigos, de tocar para poucos. O cara tem duas mil pessoas no Facebook, mas, na hora de fazer o show, só vão três. Alguma coisa está errada. É um direito, uma escolha não querer crescer, ter a música como um hobby, uma diversão. Mas quem quer sobreviver de música precisa conhecer o circuito e, dentro dele, dar os passos certos que vão ao encontro de suas convicções pessoais e profissionais”, completa.



Divulgação

duo.catalogou.com.br

facebook.com/duorepresenta

pinterest.com/duovendas

instagram.com/duorepresentacoes



What is love

Felipe Pauluk

00:00

virada de ano & ele, acima do peso,
dirigia solitário seu uno mille 95,
de lataria recém-polida.
o toca-fita estridente embalava "what is love",
enquanto o resto da humanidade fraternizava
à beira do lago, vendo os fogos sucumbirem em cascata.
a ceder chuva-de-prata quente no banco de trás
e ele só pensava:
"puta-que-pariu, é só trocar essa correia dentada
e vai ficar uma máquina".

pegou uma rua vazia,
já era 00:05.
seguiu cantarolando
"baby, don't hurt me..."
o próximo ano prometia.



As dexistências em Victor Prado

Lisa Alves

Bastardo é uma obra poética desmembrada em três capítulos: “Voçoroca”, “Passeio” e “Caleidoscópio”. São 57 poemas distribuídos por 124 páginas. O livro foi lançado recentemente pela Editora Urutau (selo que já chama atenção pelo design e qualidade de seu corpo de autores). Victor Prado (1995) mora em Franca. Publicou dois livretos digitais: *Mamute* (2014) e *Onde Eu Poderia Estar* (2016). Tem poemas publicados na revista Mallarmagens, Diversos Afins, Enfermaria 6, **RelevO**, entre outras revistas e sites literários.

São clarões, pequenas interrupções, movimentos e a linguagem arriscando explicar os desentendimentos ao redor da palavra. Lembra Blanchot em *Espaço literário* quando diz que ler não é obter comunicação da obra e sim fazer com que a obra se comunique. A obra poética de Victor Prado não é explicável, nem uma composição química em que podemos separar os elementos envolvidos.

Um dos pontos mais atraentes de *Bastardo* é a reprodução de títulos seguidos por números, indicando uma sequência ou uma série — outros poemas da obra seguem também a sequência numérica, tais como “Arquitetura de Percepção”, “Sábado”, “Domingo”, “Confissão” e “Mal-Estar”, porém comentarei apenas duas séries, chamadas “Não-sei-Onde” e “Domingo”, respectivamente.

A série “Não-sei-Onde” é uma constante fragilidade na voz do eu poético — uma voz brotada das profundezas, que assessorou na montagem de um mosaico recheado de quedas, naufrágios e soterramentos. O primeiro poema da

série se encontra no primeiro capítulo “Voçoroca” e é intitulado por Não-sei-Onde 5” e trata do desmoronamento do ser ao lidar com sentimentos (próprios ou de outros):

(...)

*Tua saudade me engole
e eu murcho e sou engolido*

Não saindo para muito longe, no mesmo capítulo, encontra-se “Não-sei-Onde” (agora sem número), que versa o autoconhecimento (nem sempre bem-sucedido) e faticamente tem o afogamento como resultado.

Já no segundo capítulo “Passeio”, “Não-sei-Onde 2” aborda o encobrimento, a ocultação, só que, diferente do primeiro capítulo, o poema atravessa mais escombros materiais do que psicológicos. Victor nos lembra de Mariana — a cidade soterrada pela lama (a lama não metafórica “é a lama, é a lama”) e a lama não para por aqui, outra vez ressurgue no poema “Não-sei-Onde 4”:

(...)

*De outros mangues
e critério
e achismos
Me afundo nesta lama
de não-sei-o-quê.*

E a série é finalizada no capítulo com “Não-sei-Onde 3”

(...)

*Dexistimos em períodos iguais
Rexistimos com frequências
diferentes.*

Na série “Domingo”, há dois grandes poemas, comoventes, e que convidam o leitor a desvestir da própria carne e se lançar no outro, no diferente, no estrangeiro.

Domingo

*Entro no mercado
e vou ao açougue
E lá está ele:
um japonês-brasileiro
E aquele rosto
me lembra outro mundo
/
me bate uma vontade
de ir pro Japão
de abraçar o japonês
De deixar a fila
sair do mercado
de recomeçar tudo
em outro lugar
em outro tempo
de novo.*

Domingo 2

*O japonês vai embora,
continuo na fila
Um senhor de idade
fura fila e conversa
com o homem na minha frente
Eles sorriem
eu sorrio junto
como se fizesse parte da conversa
O senhor pesa suas batatas
e vai embora
(a fila aumenta)
Eu sou o próximo.*

Em suma, *Bastardo* é um convite poético para um quebra-cabeça sem figura definida.

I want to be dust
 when
 I'm done
 pulverized and exhausted by my own sweet madness
 I want laughing and telling stories at my wake
 and Groucho Marx glasses on my white corpse
 and
 I want someone saying
 with a grin
 "this guy's flame was totally used up"
 I want a fistfight
 and two crazy drunken bitches
 arguing
 and to hear Little Richard
 screaming "Lucille"
 while they roll my coffin toward the fire
 I want it known that through chaos
 I found my voice
 And in pain I found a fresh birth
 I want to hear dogs barking
 and tires squealing
 I want life to go on and on and on without me
 I want dripping cotton candy
 and the smell of my woman's dirty underpants
 and
 I want it known
 that the smiling overpaid old devil
 in his lined satin box
 had the most swell fucking day

Dan Fante – Trad. Edivaldo Ferreira

Do livro *A Gin-Pissing-Raw-Meat-Dual-Carburetor-V8-Son-Of-A-Bitch from Los Angeles*, que terá sua edição em português lançada em breve no Brasil pela editora Soul Kitchen.

Eu quero virar pó
 quando
 chegar meu fim
 pulverizado e gasto pela minha doce loucura
 eu quero risadas e piadas junto ao meu caixão
 e óculos do Groucho Marx em meu cadáver pálido
 e
 quero alguém dizendo
 com um sorriso
 "Este aí já estava na faixa bônus"
 Eu quero uma boa briga
 e duas putas bêbadas malucas
 discutindo
 e ouvir Little Richard
 gritando "Lucille"
 enquanto eles rolam meu caixão para o fogo
 Eu quero que saibam que no caos
 eu encontrei minha voz
 e na dor eu encontrei renascimento
 Eu quero ouvir cachorros latindo
 e pneus cantando
 eu quero que a vida ande adiante sem mim
 Eu quero líquido doce escorrendo no algodão
 e o cheiro da calcinha suja da minha mulher
 e
 quero que todos saibam
 que o estimado velho diabo sorridente
 dentro da caixa forrada de cetim
 teve um dia bom pra caralho

